



## REQUERIMENTO Nº 10839/2022

Requeremos à Mesa Diretora, ouvido o Plenário e cumpridas as formalidades regimentais, que seja realizada uma **Reunião Solene** no Plenário da Câmara dos Vereadores do Recife, com transmissão ao vivo pelo Youtube da casa, a fim que sejam entregues as **Medalhas Olegária Mariano** para a **Sra. Mônica Oliveira**, aprovada através do Decreto Legislativo nº 1046/2022, e para a **Sra. Mirtes Renata Santana de Souza**, aprovada através do Decreto Legislativo nº 1054/2022 e o Título de Cidadã de Recife para a **Sra. Denise Maria Botelho**, aprovado através do Decreto Legislativo 1048/2022, a ser realizada no dia **30 de novembro de 2022, às 14h**.

### JUSTIFICATIVA

A Câmara Municipal do Recife aprovou os Projetos de Decretos Legislativos: nº 23/2022, 35/2022 e 36/2022. Os decretos foram promulgados sob o nº 1046/22, que concedeu a **Medalha Olegária Mariano para a Sra. Mônica Oliveira**, sob o nº 1054/2022 que concedeu a **Medalha Olegária Mariano para a Sra. Mirtes Renata Santana de Souza** e o de nº 1048/2022 que concedeu o **Título de Cidadã de Recife à Sra Denise Maria Botelho**, todos de nossa autoria.



## **GABINETE DA VEREADORA DANI PORTELA**

---

As três são referências nacionais em suas atuações no campo do movimento negro, especialmente de mulheres negras.

**Mônica Oliveira** é formada em Comunicação Social pela Universidade Católica de Pernambuco. Membro da Coordenação da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco, da Articulação Negra de Pernambuco e da Operativa Nacional da Coalizão Negra por Direitos, atualmente, é Assessora Parlamentar das Juntas Codeputadas (PSOL-PE).

Iniciou a militância aos 15 anos na Pastoral da Juventude da Igreja Católica e no Conselho de Moradores do Alto Santa Terezinha, Bairro localizado na Zona Norte do Recife, capital do estado de Pernambuco. Aos 17 anos, ingressou no curso de Comunicação Social, tornando-se a primeira integrante de sua família a frequentar uma Universidade. Foi nesse momento que deu início à sua trajetória no movimento negro brasileiro, fazendo parte do Movimento Negro Unificado (MNU) e do Observatório Negro do Recife. Em sua história no movimento negro, pertenceu também ao *Afoxé Alafin Oyó*.

No seu longo percurso em defesa de uma sociedade antirracista, ela atuou como Gestora de Projetos Sociais em organizações da sociedade civil, no campo da Educação popular, por cerca de vinte anos. Atuou como Educadora na Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) - Pernambuco. Também foi Diretora de Programas de Ações Afirmativas da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPP-PR) e Oficial de Programas de Oxfam Grã-Bretanha, com a incumbência de colaborar para a incorporação da perspectiva racial no Programa Urbano do Brasil. É Consultora para Desenvolvimento Institucional e Relações Raciais, com foco especialmente em Identificação e Abordagem do Racismo Institucional. Mônica Oliveira também já foi homenageada pela Campanha “O tempo é agora”, da ONU Mulheres.

Dentre essas e tantas outras contribuições que tem dado para a luta antirracista, ela se tornou uma das principais referências nacionais no campo da militância, atuando fortemente na defesa da população negra.

**Mirtes Renata** é uma mulher negra de 35 anos de idade, filha de Marta Maria Santana Alves e Erivaldo Francisco de Souza. Natural do Alto José do Pinho, morou 24 anos da sua vida no distrito de Bonança, de origem popular, trabalhou em diversos locais para



## **GABINETE DA VEREADORA DANI PORTELA**

garantir a sua sobrevivência e sempre se dedicou aos estudos como estratégia de mudança de sua história de vida. Hoje, é estudante de Direito. Ela diz que seu sonho é defender mulheres como ela. Símbolo da luta contra o racismo e a desigualdade social, venceu o Prêmio “Faz Diferença 2020”, na categoria Sociedade/Diversidade.

Nas palavras de Mirtes:

“Já trabalhei em várias áreas. Já fui carpinteira, auxiliar de cabeleireira, professora de informática. Meu último emprego foi como empregada doméstica. Foi um local que, infelizmente, essa sociedade racista me colocou. Depois de tudo isso que aconteceu com o Miguel, estou estudando Direito e trabalhando no Grupo Curumim, um grupo feminista e antirracista”.

As Trabalhadoras Domésticas formam uma importantíssima categoria que historicamente é composta em sua maioria por mulheres negras e pobres que se encontram muitas vezes em situação de informalidade, sendo marcadas por baixos salários, relações de trabalho precárias e frágeis proteções no que tange a direitos trabalhistas. Com a chegada da Pandemia da COVID-19, esse cenário de precariedade e desvalorização do trabalho exercido por essas mulheres sofreu uma grande piora. Cerca de 70% delas possuem carteira assinada. As Trabalhadoras Domésticas representam o segundo setor mais afetado com a crise econômica decorrente da Pandemia da COVID-19. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) 2021, referente ao último trimestre de 2020, foram perdidos 1,5 milhões de postos de trabalho domésticos de setembro a novembro de 2020, o que representa uma redução de 24,2%.

Essa é a realidade de milhões de mulheres negras que, no contexto de Pandemia, se viram obrigadas, muitas vezes, a ficar na casa em que trabalhavam por tempo integral, sob a justificativa de que elas não podiam se expor e colocar as famílias que as empregavam em risco. São trabalhadoras que deveriam ter garantido seu direito ao isolamento em suas casas, já que não se tratava de um serviço essencial. Contudo, em nome de sua sobrevivência e de seus filhos e filhas, foram obrigadas a se colocar em exposição.



## **GABINETE DA VEREADORA DANI PORTELA**

---

Infelizmente, essa foi a realidade vivenciada por Mirtes Renata, a qual, enquanto uma mulher negra, Trabalhadora Doméstica que trabalhava para uma família com grande poder político e financeiro no estado de Pernambuco, teve o rumo da sua vida alterado de forma trágica com a morte de seu único filho, vítima de um dos casos que refletem como o racismo se apresenta nas relações cotidianas em que essas mulheres negras estão inseridas. No dia 2 de junho de 2020, sua história de vida foi negativamente marcada para sempre. Miguel Otávio Santana da Silva, garoto de apenas 5 anos, filho de Mirtes Renata, morreu após cair do 9º andar de um prédio de luxo na cidade do Recife, popularmente conhecido como “Torres Gêmeas”.

Há dois anos que ocorreu esse crime cometido contra Miguel e sua mãe, uma mulher negra, Empregada Doméstica, que não teve o direito a realizar o isolamento social, mesmo quando estávamos em lockdown, e que foi obrigada a seguir trabalhando, mesmo quando estava com COVID-19, doença que contraiu na casa dos patrões. A morte de Miguel revelou uma série de problemas e desigualdades sociais enfrentados por grande parcela da população em contraposição a uma outra parcela que não abre mão dos seus privilégios, mesmo que isso custe a vida de muitos.

Mirtes, atendia a ordens da família Corte Real, precisava estar ali para garantir a sua sobrevivência. Infelizmente, como ocorre com várias mães que muitas vezes não têm com quem deixar seus filhos e em um contexto de Pandemia onde as escolas precisavam estar fechadas, a única alternativa era levar Miguel para o trabalho. Porém, o que Mirtes não esperava era que uma pessoa em que ela confiava de “olhos fechados” não iria garantir a segurança de seu filho. Sarí Gaspar Cortes Real negligenciou o cuidado com uma criança de 5 anos, deixando-o sozinho no elevador. O desfecho dessa história todos nós sabemos: Miguel caiu da altura de 35 metros e não resistiu. O caso ainda revelou outro fato alarmante: Mirtes e sua mãe, Marta Maria Santana Alves, trabalhavam como Empregadas Domésticas de Sarí Corte Real e Sérgio Hacker, então Prefeito de Tamandaré, mas eram pagas pelas contas públicas do Município. Até hoje, o processo trabalhista segue na Justiça, e elas não foram indenizadas.

Diante desse contexto, Mirtes foi obrigada a reescrever sua história e hoje é uma referência na luta contra o racismo, integrando inclusive a Articulação Negra de Pernambuco.



## **GABINETE DA VEREADORA DANI PORTELA**

Atualmente, ela é Assessora de Projetos do Grupo Curumim Gestação e Parto e da AfroResistance e estuda Direito, pois quer ser Juíza ou Promotora, para impedir que outras pessoas passem pela injustiça que ela está vivendo e para evitar que o crime do racismo continue passando impune no judiciário brasileiro.

**Denise Maria Botelho** é uma mulher negra, Yalorixá, lésbica, Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e com Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente, é Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades (GEPERGES) Audre Lorde, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades da UFRPE-Fundaj, Membro do Coletivo de Acadêmicas Negras (CAN) Luiza Bairros.

Paulistana, nasceu no dia 8 de junho de 1965 e desde a infância teve sua história atravessada pelo racismo nos contextos educacional, familiar e profissional. Em São Paulo, atuou como a(vista de uma das mais importantes organizações do movimento de mulheres negras do Brasil, o “Geledés”, Instituto da Mulher Negra, em um projeto de políticas de ações afirmativas para jovens negras e negros.

Como profissional, vem atuando no debate sobre Educação e relações étnico-raciais, com ênfase em interseccionalidades de raça e gênero, trazendo importantes construções teóricas para a área da Educação e desenvolvendo pesquisas que estejam a serviço da sociedade, em especial do povo negro. Na docência na Pós-Graduação, tem contribuído para as seguintes linhas de pesquisa: Movimentos Sociais, Práticas Educativo-Culturais e Identidades e Políticas, Programas e Gestão de Processos Educacionais e Culturais. O seu último livro foi publicado no ano de 2016 e chama-se “Educar para a igualdade racial nas escolas.

Iniciou a sua trajetória religiosa na cidade de São Caetano do Sul, região do ABC, em São Paulo. Foi nessa cidade que entre 12 e 13 anos de idade ela frequentou pela primeira vez um terreiro de Umbanda. Hoje, é Yalorixá do Ilê Ase Alagbede Orun, Centro Religioso localizado no Bairro Sírio dos Pintos, com cerca de 40 pessoas. Como líder religiosa, ela tem como responsabilidade cuidar de -lhas e -lhos através de práticas de acompanhamento e



## **GABINETE DA VEREADORA DANI PORTELA**

acolhimento. A par(r do trabalho desenvolvido como Professora, Pesquisadora e Yalorixá, Denise Botelho tem sido uma importante referência nacional, inclusive para os movimentos sociais que atuam no enfrentamento ao racismo.

Sabemos que o Brasil é um país que tem o racismo como estrutura de sua sociedade e parte da sua formação histórica e, por isso, as religiões de matriz africana são as que mais sofrem com o racismo religioso no país. Além disso, elas também têm sofrido perseguições e racismo nas próprias estruturas institucionais brasileiras. Segundo a Promotora de Justiça do Estado da Bahia, Lívia Sant'anna Vaz, as religiões afro-brasileiras foram submetidas não apenas à marginalização social, mas também à repressão do Estado, por meio de seu aparato jurídico-político e policial. Embora atualmente assuma outras roupagens, o racismo religioso segue sendo reproduzido pelos Entes Públicos - notadamente pelo Sistema de Justiça -, como uma espécie de ciclo vicioso de repetição do passado.

A atuação de Denise Maria Botelho se inscreve na luta an(rracista, na defesa de uma Educação Pública de qualidade e em prol da vida e da liberdade religiosa do povo negro do nosso Estado, principalmente do Recife, que é uma das capitais com maior número de terreiros e tem maioria negra de sua população.

Mônica Oliveira, Mirtes Renata e Denise Botelho são referências na luta das mulheres negras e, por isso, requeremos a reserva do espaço para a solene de entrega das homenagens conquistadas por elas, conforme descrito acima. Assim, solicito aos meus pares que possamos aprovar o presente requerimento, honrando e reconhecendo as lutas dessas mulheres.

Sala das Sessões da Câmara Municipal do Recife, 10 de outubro de 2022.

**DANI PORTELA**

Vereadora da Câmara Municipal do Recife

